

## PROTÁGORAS E A VIRTUDE ENSINÁVEL

JOSÉ RODRIGUES SEABRA FILHO\*

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
da Universidade de São Paulo

**RESUMO:** *O valor do trabalho do sofista na Grécia antiga. Protágoras, segundo Platão e outros tais como Aulo Gélío e Diógenes Laércio. Protágoras, um dos primeiros diálogos de Platão: investigação sobre a excelência do homem. Questão básica: o problema do ensino da virtude. A virtude como ciência, e a ciência como base da moral.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *eloquência; ensino; filosofia; virtude; Protágoras, o sofista; Protágoras, o diálogo.*

### Introdução

O título de nossa conferência sugere duas interpretações: Protágoras é o sofista famoso, a personalidade histórica da Grécia antiga, e é também o nome do diálogo de Platão. Trata-se, realmente, de conferência sobre os dois assuntos: falaremos inicialmente a respeito do homem Protágoras; comentaremos depois a respeito do que nos parece ser o objetivo prático do diálogo *Protágoras*.

“Protágoras e a virtude ensinável” – A que virtude se refere o título da conferência? E afinal qual o significado da palavra grega que nós traduzimos por “virtude”? Para entender o objetivo do diálogo, cumpre definir esses conceitos. É o que veremos também, a partir do texto de Platão.

Mas antes vamos falar um pouco sobre os sofistas, e em especial sobre Protágoras.

### O trabalho dos sofistas

Em Platão, exatamente no *Prot.* 313c, encontramos informações sobre o trabalho do sofista. Apresenta-se aí o sofista (*sophistés*) como “mestre de filosofia

e de eloquência”. Esta, pois, a definição clássica para sofista: o mestre de filosofia e de eloquência. Mais de eloquência que de filosofia, poderíamos dizer, pelo que conhecemos hoje desses professores da antigüidade.

Sabemos hoje que o trabalho do sofista, na Grécia antiga, era o de verdadeiro educador itinerante. Ele percorria as cidades, ensinando e geralmente cobrando algum dinheiro pelo trabalho. Como verdadeiro mestre de moral, como mestre da arte de bem viver em sociedade, da arte de usufruir dos benefícios da vida política, o sofista procurava constantemente adquirir mais conhecimento sobre as diversas atividades e manifestações do homem: arte, linguagem, poesia, política, retórica. Procurava, em suma, aprender e depois ensinar a arte de viver bem. Seu discípulo preferido era o jovem de família rica, a quem o sofista dava mais comumente lições de retórica; era mais comum que o jovem procurasse esse tipo de aula, a fim de preparar-se para a carreira política. Constavam nessas lições dialética, retórica e exercícios de crítica. A leitura dos bons poetas era aí importante material de trabalho. Para os cursos de retórica, o sofista cobrava, ao que parece, honorários elevados. Além dos cursos, ele podia dar ainda, em escolas ou em casas particulares, conferências pelas quais cobrava preço mais popular.

Dentre os principais desses professores que viveram na Grécia antiga, podemos citar, além de Protágoras, Górgias de Leôncio, Hípias de Élis e Pródicos de Céos. É bem provável que Platão não tenha conhecido pessoalmente os dois maiores sofistas, Protágoras (485-411 a.C.) e Górgias (que viveu de 483 a 375, mas trabalhou mais fora de Atenas). Conheceu-lhes muito provavelmente alguns alunos, como Hípias por exemplo.

### **Protágoras, o homem**

Segundo nos informa Aulo Gélio (*Noites Áticas*, 5,3), Protágoras, quando jovem, trabalhava como carregador de carga. No livro de Aulo Gélio constam vários capítulos sobre filosofia; sobre Platão, em especial, vamos encontrar cerca de 40 capítulos, ora com análises de passagens de alguns dos diálogos, ora com comentário crítico de assunto relacionado com o platonismo. Quem se interessa pela filosofia de Platão poderá ler com proveito esses capítulos.

Conforme então Aulo Gélio, Protágoras exercia a profissão de carregador. Originário de Abdera, a mesma cidade de Demócrito, de Leucipo e de Anaxarco, os outros três abderitas ilustres da história da filosofia; ele carregava,

dos campos vizinhos até essa cidade, troncos de lenha amarrados com corda. Esse era o seu ganha-pão. E certo dia, o filósofo Demócrito viu que Protágoras carregava facilmente aquele tipo de carga, normalmente embaraçosa para outra pessoa. Aproximando-se, Demócrito considerou a juntura e posição da lenha, efetuadas com muita habilidade e perícia. Pediu então ao trabalhador que descansasse um pouco. Quando Protágoras o fez, Demócrito observou aquela espécie de cilindro de troncos ser equilibrada e mantida por alguma razão geométrica, e perguntou quem teria assim composto tal lenha. Tendo Protágoras dito que por si mesmo fora composta, Demócrito desejou que ele a desatasse e de novo a colocasse amarrada do mesmo modo. Assim foi feito, e o filósofo, admirado com a agudeza de espírito e esperteza de um homem não instruído, o levou consigo, admitiu-o como discípulo e ensinou-lhe filosofia.

No final desse capítulo 3, Aulo Gélío comenta que Protágoras, embora filósofo de má qualidade, foi o mais aguçado, o mais temível dos sofistas (*insincerus philosophus sed acerrimus sophistarum*): recebia dos discípulos dinheiro enorme, comprometendo-se a ensinar o meio pelo qual, com aplicação verbal, uma causa mais fraca se tornasse mais forte. Passo a indicar o trecho final:

Como [Protágoras] recebesse dos discípulos dinheiro enorme a cada ano, comprometia-se a ensinar por que meio, com aplicação verbal, uma causa mais fraca se tornasse mais forte, o que em grego assim ele dizia: *tòn hétto lógon kreítto poieîn* [tornar mais forte o argumento inferior].

Praticamente, a mesma informação sobre o objetivo da arte de Protágoras já havia sido dada também por Diógenes Laércio, historiador grego do século IIIa.C. Em *Diog.Laert.*9,50-56 consta que, para Protágoras, em toda questão há dois discursos opostos, e daí cumpre ao professor tornar o aluno capaz de fazer mais forte o raciocínio mais fraco.

Em outro capítulo (*Noites Áticas* 5,10), Aulo Gélío nos conta a disputa que o sofista teve com um dos discípulos, Êuatlos, jovem rico que desejava aprender a eloquência e a arte de pleitear causas. Aulo Gélío conta que Êuatlos procurou as aulas de Protágoras, a quem prometeu pagar grande soma de dinheiro. O sofista lhe pediu de início a metade dessa soma e a promessa que receberia a outra metade quando o aluno vencesse a primeira causa. Após algum tempo como aluno, Êuatlos progrediu no estudo da eloquência e teve sucesso na carreira de advogado. Protágoras passou então a reclamar a outra metade da quantia

que lhe era devida e moveu processo contra Êuatlos, que não lhe pagava. No dia do julgamento, estando um diante do outro, Protágoras disse: “Aprende, jovem muito tolo, que de qualquer maneira deverás dar-me o que solicito, quer os juízes pronunciem a teu favor ou contra ti. Se o processo se conclui contra ti, terás de me pagar os honorários; mas se te for favorável, os honorários me serão também devidos, em razão de nosso acordo”. A isso Êuatlos respondeu: “Aprende tu também, mestre sapientíssimo, que de qualquer maneira não te darei o que me pedes. Pois se os juízes dão sentença em meu favor, nada te deverei, pois terei vencido; mas se ao contrário eles pronunciarem contra mim, então não te deverei nada, em razão de nosso acordo, pois não terei vencido”.

Vemos aí, pela informação de Aulo Gélio, que o discípulo Êuatlos aproveitou muito bem as aulas de eloquência e se tornou um bom sofista, a ponto de enfrentar o mestre Protágoras.

Mas, em Platão, o nosso Protágoras vai aparecer de maneira bem mais honrosa.

### ***Protágoras, o diálogo***

O *Protágoras* é visto, pelos comentadores em geral, como um dos primeiros diálogos de Platão. Para nós, parece-nos a obra mais adequada como a primeira que o estudioso das obras completas de Platão deve ler ou reler, se quiser seguir, nessa leitura, a relação dos 35 diálogos. Trata-se de um dos diálogos conhecidos como “socráticos”, em que Platão procura definir, como Sócrates, as idéias morais.

Formalmente, essa obra apresenta em sua maior parte discursos entre o sofista Protágoras e o filósofo Sócrates, ora sobre o trabalho do sofista ora sobre a possibilidade ou não do ensino da virtude. E, neste último caso, apresenta basicamente disputas entre estas opiniões contrárias: 1a.) a virtude pode ser ensinada; 2a.) a virtude não pode ser ensinada.

Esta virtude (em grego, *areté*, palavra cuja raiz *ar-* traz a idéia de “ajustar” e “adaptar”: *arthmós* “união”, *árthron* “articulação” etc.) é entendida como excelência moral e política; daí o diálogo *Protágoras* ser visto, pela crítica especializada, como investigação sobre a excelência do homem. Consideramos, no entanto, complexo e difícil de ser indicado o objetivo exato dessa obra. O que é certo é que ela vai apresentar a ciência (o conhecimento) como base da moral.

No início do texto, Sócrates narra a um amigo com quem se encontra, e às demais pessoas presentes, as conversações que ele mantivera com Protágoras, então de passagem por Atenas.

Começando o relato, Sócrates diz ter sido procurado, na noite anterior, pelo jovem Hipócrates, que lhe fora informar que Protágoras estava na cidade, hospedado em casa de Cálias. Como Hipócrates desejasse ouvir as lições do famoso sofista, os dois se dirigiram para lá. Chegando à casa de Cálias, viram, no pórtico, Protágoras rodeado por discípulos: o próprio Cálias, que era um jovem ateniense que enriquecera com a herança do pai Hipônico; Páralos e Xantipo, filhos de Péricles; Cármides, tio do próprio Platão; Filipe e Antímero. E os dois observaram que Protágoras, enquanto caminhava, circulando pelo pórtico, ensinava e encantava aos demais, que o seguiam reverentes e bem distribuídos, três de cada lado.

No seu relato, Sócrates passa então a reproduzir as disputas verbais que manteve com Protágoras, nessa reunião de sofistas.

Ao apresentar a Protágoras o jovem Hipócrates, Sócrates expõe o perfil do discípulo típico, do discípulo mais desejado, mais cobiçado pelo sofista:

*Hippokrátēs hódē estin mēn tōn epikhōrion, Apollodōrou hyós, oikías megáles te kai eudaímonos, autòs dē tēn phýsin dokei enámillos eínai tois helikiótai. epithymeín dé moi dokei ellógimos genésthai en tē pólei, toúto dē oíetai hoi málist' an genésthai, ei soi syggénoito (Prot. 316b8-316c2)*

Hipócrates aqui presente é dos do país, filho de Apolodoro, de família grande e rica, e ele próprio quanto à natureza parece ser comparável aos da idade. E me parece desejar ele tornar-se famoso na cidade, o que ele acredita que sobretudo lhe aconteceria se a ti freqüentasse.

A disputa entre os dois começa então sobre o ensino – portanto, sobre o trabalho dos sofistas, e em particular sobre o de Protágoras. Sócrates pede explicação sobre a arte de ensinar. Lisonjeado, Protágoras aproveita a ocasião para falar a todos ali presentes.

Sócrates repete então a questão e quer saber qual o proveito que Hipócrates poderá tirar com as aulas. Quer saber para quê (*eis tí?*) e sobre o quê (*peri tou?*) o jovem vai ficar melhor com as lições de Protágoras (318d4): *eis tí, ó Protagóra, kai peri tou?*

Protágoras diz que o jovem, tendo vindo procurar-lhe as lições, aprenderá a ciência pela qual veio. E acrescenta as palavras que definem bem o objetivo do trabalho do sofista:

*Tò dè máthemá estin euboulía peri tòn oikeíon, hópos àn árista tèn autoù oikían dioikoí, kai peri tòn tés póleos, hópos tà tés póleos dynatótatos àn eie kai práttein kai légein (Prot. 318e5 - 319a2)*

O meu estudo é o bom-conselho sobre os assuntos domésticos, como melhor ele possa administrar a própria casa, e sobre os assuntos das cidades, como ele poderia ser mais capaz para realizar as coisas das cidades e para falar sobre elas.

Protágoras, pois, tem antes de tudo o objetivo de ensinar a prudência na administração dos assuntos domésticos e a habilidade para agir e para falar no respeitante aos negócios públicos.

É aí que Sócrates quer saber se Protágoras está falando de política, conforme o diálogo que temos a seguir (Prot. 319a3 - 319a7). Sócrates diz:

*Dokeís gár moi légein tèn politikèn tékhnen kai hypiskhneísthai poieîn ándras agathoús polítas*

Pareces falar-me da arte política e prometer fazer dos homens bons cidadãos.

E Protágoras, a seguir, confirma:

*Autò mèn oún toútó estin, éphe, ó Sokrátes, tò epággelma hò epaggélomai*

É isso precisamente, Sócrates, a declaração que faço proclamar.

Temos aí o primeiro tema do diálogo: o trabalho do sofista. Protágoras pretende ensinar a *ciência política* e tornar melhor cidadão o discípulo. Mas a questão é esta: é possível ser ensinada a virtude (*aretê*) em que se baseia a arte política (*tékhne politikè*)?

Daí a seguinte objeção de Sócrates (Prot.320): “Até aqui eu creia que a arte política não podia ser ensinada, e isso por duas razões: a primeira é que nas assembleias públicas em todo negócio que exige conhecimentos especiais apenas se escutam pessoas do ofício, e em assunto político se escutam todas as pessoas,

sem exigir que tenham feito algum estudo da política; a segunda é que os grandes homens são incapazes de comunicar aos filhos a virtude.

A partir das objeções socráticas, vem este segundo tema que vai estender-se até o fim do livro: se é ou não ensinável a virtude política.

Protágoras argumenta por meio de um mito (320c - 323a): Após a formação dos seres vivos, os deuses encarregaram Prometeu e Epimeteu de distribuir as qualidades necessárias à vida. Epimeteu fez a distribuição, mas esqueceu o homem. Para reparar esse esquecimento, Prometeu arrebatou então de Atenas e de Hefestos o segredo das artes e a técnica do fogo. Os homens, no entanto, incapazes de viverem em comunidade política viviam dispersos, à mercê de animais selvagens. Para que não perecessem, Zeus lhes deu o pudor e a justiça, fundamentos da política. É por isso que todas as pessoas, indiferentemente, podem falar de política.

Por outro lado, o que prova que essas virtudes (essas excelentes qualidades) podem ser ensinadas é que se punem aqueles que não as têm, enquanto não se reprovam de ninguém defeitos físicos tais como a feiúra e a doença. Pune-se ao culpado tanto para evitar que outros o imitem como para melhorá-lo, isto é, pune-se para ensinar a virtude. É o objeto de toda educação em Atenas: pais, mães, amas, preceptores se empenham nesse sentido. Até o Estado ensina, por meio das leis, a virtude. E quando os filhos são menos virtuosos que os pais, isso não quer dizer negligência no ensino: quer dizer apenas que esses filhos são menos aptos.

Protágoras discursa, assim, longamente, só para mostrar que é ensinável a virtude política. Começa com o mito de Prometeu e as origens da civilização; diz que todos os homens não só estão dotados mas até devem participar da política, e que tal capacidade pode ser aperfeiçoada, melhorada com o ensino. E aí estão os sofistas, que podem ensinar...

Sócrates se diz persuadido: *tèn aretèn phes didaktòn einai* “dizes ser ensinável a virtude” (329b7). E daí segue dizendo que não poderia ser persuadido por outro homem que não fosse Protágoras.

Mas Sócrates insiste sobre o fundamento da virtude. Ele quer saber em que exatamente consiste a *virtude*, a *excelência moral*, o *mérito*. Quando se indica a *virtude* como *excelência moral*, está-se apresentando apenas sinônimo, apenas outra expressão para a mesma coisa. É neste ponto que Sócrates censura a Protágoras: por não ter Protágoras explicado, assim, suficientemente a virtude, por não ter dito por exemplo se ela é uma ou várias.

No texto que veremos a seguir (329c4 - 329c6), Sócrates está justamente querendo saber se essa virtude seria uma só ou se compreenderia partes distintas:

*He dikaiosýne kai sophrosýne kai hosiótes kai pánta taúta hos hén ti eíē syllébdēn, areté*

A justiça, a prudência, a piedade e todas essas coisas seriam como uma só coisa, em suma: virtude.

A partir daqui, os debatedores passam a divagar. O próprio Sócrates, que se diz contrário a discursos longos, comenta demoradamente um poema de Simônides de Céos. Ele lembra então que os poetas foram os primeiros educadores dos gregos, antes dos sofistas.

Mas após longos discursos sobre interpretação de poesia de Simônides, Sócrates retoma a questão principal e lembra que perguntou sobre as partes da virtude. Ele volta, pois, à questão:

*Sophía kai sophrosýne kai andreía kai dikaiosýne kai hosiótes, póteron taúta, pénte ónta onómata, epì prágmatai estin, è hekásto tón onomáton touíton hypókeitaí tis ídios ousía kai prágma ékhon heautoú dýnamín hekáston, ouk òn hoíon tò héteron autôn tò héteron?*(349b1 - 349b6)

Sabedoria, prudência, coragem, justiça e piedade, acaso essas coisas, que são cinco nomes, aplicam-se a um só objeto, ou a cada um desses nomes subjaz alguma particular essência, algo que tenha sua propriedade particular, uma coisa distinta e diferente das outras?

Protágoras confirma aquilo que antes das divagações, dos discursos prolongados, dissera, ou seja, constituíres partes da virtude todas aquelas qualidades:

*All' egó soi, éphe, légo, ó Sókrates, hóti taúta pánta mória mén estin aretés* (349d2-349d3)

Mas eu te digo, Sócrates, que essas coisas todas são partes da virtude.

Temos, no final, as conclusões de toda a pesquisa de Sócrates e Protágoras: a virtude é uma só; a virtude é ciência; por ser ciência, é suscetível de ser ensinada. (Protágoras foi levado por Sócrates a admitir que a virtude supõe o conhecimento; a partir daí, Sócrates observou que deveria ser ensinável, se é que tem algo de ciência.)

## Conclusão

Pela análise de estilo e principalmente de conceitos apresentados, o *Protágoras* parece ser dos primeiros livros de Platão. Segundo a crítica especializada, essa obra apresenta final aporético (isto é: sem resposta decisiva à questão discutida). O final – como dizem – sem conclusão, sem definição válida para o conceito de virtude, serviria – conforme dizem, eu repito, comentadores da obra de Platão – para nos sugerir a insuficiência do pretendido saber dos interlocutores e para que o leitor se empenhe na busca da definição ideal da “virtude”. Por outro lado, a falta de resposta decisiva condiria com a personalidade de Sócrates, filósofo cuja afirmação básica era “saber que nada sabia”.

Mas poderemos agora apresentar a nossa opinião sobre o final do diálogo.

Vimos que o diálogo trata mais especificamente sobre o ensino da virtude, virtude aí entendida como excelência moral e política. No final da disputa, ocorre inversão das opiniões entre os interlocutores: Protágoras, que começou admitindo ser ensinável a virtude, passa a desconfiar dessa possibilidade; Sócrates, que começou estranhando tal possibilidade, passa a admitir que a virtude, por ser conhecimento, poderá ser suscetível de ensino.

Conclui-se então que *virtude é saber ou ciência do bem*; por conseqüência, se é saber ou ciência, pode ser ensinada. Considera-se tanto ser ensinável o que é ciência, como ser ciência o que se ensina. Se a virtude é o que, no final, Sócrates pensa, isto é, ciência intuitiva dos valores e do bem, então pode ser ensinada.

Mas, conforme já dissemos, comentadores há de Platão que dizem não haver resposta definitiva à questão proposta, ou seja, à questão “que é exatamente isto que nós chamamos de virtude”, “que é, em última análise, virtude”. Em nossa opinião, o fato de não haver resposta definitiva já é a resposta – e a única resposta possível. Porque a virtude, entendida como um nome que se dá para indicar a excelência moral e política, entendida pois como qualidade do homem de bem, nada mais é, em última análise, do que conceito criado pelo próprio homem. Quando se fala então de virtude, assim entendida, fala-se sobre questão conceitual, sobre convenção social.

Essa virtude pressupõe conhecimento do bem social, das vantagens para quem é assim virtuoso. Se implica conhecimento pode ser ensinável (e foi essa a conclusão a que chegou Sócrates). Agora, é impossível dizer se esse conhecimento do mais adequado procedimento social (o virtuoso, podemos dizer) vai ou não ser assimilado ou ser aceito pelo discípulo.

Para o bom convívio político e social, o homem obriga-se a seguir as regras da civilização. Mas a excelência moral (*areté*) do texto platônico não se refere a esse procedimento como obrigação, e sim como conhecimento. O trabalho do professor (do sofista, do filósofo) será o de transmitir esse conhecimento, será o de mostrar ao discípulo a excelência moral e política como caminho para o bem viver.

## NOTA

\* Professor Doutor de Língua e Literatura Latina do Curso de Graduação da FFLCH-USP.

SEABRA FILHO, José Rodrigues. *Protagoras et l'enseignement de la vertu.*

**ABSTRACT:** *La valeur du travail du sophiste dans la Grèce ancienne. Protagoras, dans la vision d'Aulu-Gelle et Diogène Laërce et chez Platon. Protagoras, l'un des premiers dialogues de Platon: une investigation sur l'excellence de l'homme. Question fondamentale: le problème de l'apprentissage de la vertu. La vertu comme science, et la science comme fondement de la morale.*

**MOTS-CLÉS:** *éloquence; apprentissage; vertu; Protagoras, le sophiste; Protagoras, le dialogue.*